

Migrações protestantes e expectativas latinas no hemisfério sul

Protestant Migrations and Latin American expectations in the Southern Hemisphere

 <https://doi.org/10.23925/ua.v25i40.57117>

Geraldo Moysés Gazolli Junior¹

RESUMO: O presente artigo é uma reflexão e uma análise bibliográfica sobre as disparidades e os motivadores da movimentação migratória protestante na Europa e América. A América Latina possui uma identidade particular pouco conhecida concernente aos motivadores de seus pioneiros. Se por um lado a história retrata o desejo por um reavivamento religioso dos recém-chegados à América do Norte, do outro lado a imigração latina buscou liberdade religiosa de toda forma de autoridade por influência dos ideais regionais. Muitos grupos protestantes se isolaram em comunidades rurais formando uma cultura protestante singular que, mais tarde, foi um desafio para o alcance da autoridade europeia religiosa. As estruturas de pensamento formadas pela regionalização do protestantismo informam a busca de uma identidade pautada para atender aos anseios de uma realidade não atendida em terras europeias.

Palavras-chave: Protestantismo; Imigração; Liberdade Religiosa; Comunidade Religiosa; Igreja Latino Americana.

ABSTRACT: This article is a reflection and bibliographical analysis on the disparities and motivators of the protestant migratory movement in Europe and America. Latin America has a little-known particular identity concerning the motivators of its pioneers, in one hand history portrays the desire for a religious revival of newcomers to North America, but on the other hand Latin immigration sought religious freedom in every way of authority under the influence of regional ideals. Many Protestant groups isolated themselves in rural communities forming a unique Protestant culture that later challenged the reach of European religious authority. The structures of thought formed by the regionalization of Protestantism inform the search for an identity based on attendance of the aspirations of an unmet reality in European lands.

Keywords: Protestantism; Immigration; Religious Liberty; Religious Community; Latin American Church.

¹ Graduado em Teologia (UAB), Mestrando em Ciência da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (FUV),

 0000-0001-5130-562X, geraldomoyses@hotmail.com.

Introdução

Podemos caracterizar, a despeito de exceções pontuais, o processo de construção religiosa na América Latina como uma implantação aguda regida pelo imperialismo comum ao período. O eixo religioso ocidental oscilava entre protestantismo e catolicismo romano, e nas Américas esse abismo também era facilmente demarcável, justamente pelo fato de cada colônia e seus habitantes agregarem os princípios colonizadores. Mesmo na América Latina, a fragmentação religiosa demorou a acontecer em comparação às colônias americanas e canadenses. Até meados do século XX, noventa por cento da América Latina se identificava como católica, desde então, o cenário começa a encontrar mudanças, com cerca de 1 em cada 10 latinos afirmando ter sido criado em um ambiente protestante, dessa forma não é possível separar a história do protestante latino do católico.

Um exemplo dessa realidade é que de acordo com o *Pew Research Institute*, Colômbia, Paraguai, Peru, Equador, Bolívia, Venezuela, Argentina e Brasil possuem mais de 50 por cento de seus membros protestantes que tiveram uma infância católica, e dentre as oito opções, a mais citada para a causa da troca era a busca por um relacionamento mais íntimo com Deus, ou seja, a busca religiosa latina encontra algo em comum com o protestantismo, uma necessidade de fortalecimento de identidade (PEW RESEARCH CENTER, 2014 p.1).

A identidade do protestantismo na América Latina irradia uma essência própria, uma cosmovisão e uma reação ao entorno muito características de si mesma, para entendermos o processo de formação de um protestantismo latino, precisamos entender como reage essa doutrina onde ela é plantada, por meio desse padrão pode-se, talvez, compreender a realidade que se encontra hoje e para que lugar se encaminha. É indiscutível que o protestantismo possui vertentes pelo mundo inteiro, mas é digno de se notar que existe algo diferente, até singular, no protestantismo latino, processos e visões de uma enculturação única de seu gênero que trazem uma abordagem que não pode se limitar a apenas um aspecto geográfico para uma compreensão assertiva.

O protestantismo como semente

Se para entendermos a árvore precisamos entender primeiro a semente, qual seria a semente da árvore protestante? Qual o terreno em que as ideias por ela emanadas é mais fértil? Essas perguntas norteiam a nossa noção inicial de um processo de enraizamento e de como cada semente se comporta com o passar dos séculos em determinada categoria de terreno. Podemos dissecar a raiz do protestantismo a partir de sua própria palavra: protestar. O próprio uso do termo “protestante” teria um apelo mais político que religioso em princípio, ou seja, um vínculo profundamente ao social.²

A ideia do protesto contra a Igreja Católica tinha em seu cerne o reclamo à independência da individualidade de pensamento, ou seja, a capacidade humana de encontrar a Deus por faculdades mentais divinamente atribuídas. O caso de uma reforma interna não gerou os ingênuos efeitos esperados, e mais tarde a Europa se encontrava dividida e mergulhada em guerras, nesse sentido, é notável como o efeito do poder papal refletia em uma mente protestante, que considerava a ideia de um ser humano como detentor da supremacia religiosa e vicária como abominável. Se notarmos, os princípios basilares da teologia protestante sustentam cenários à época irreconciliáveis com o catolicismo romano:

1 – O princípio de Somente as Escrituras enfatizava a autoridade bíblica como a maior de todas, excedendo inclusive a autoridade humana. Um ataque às tradições católicas que na época consideravam de mesma valia ambas as fontes. Abusos de poder embasados na tradição geraram um desconforto social que apenas fertilizou o solo do protestantismo, as indulgências haviam alcançado prestígio social com as classes abastadas e era parte importante do estilo de vida religioso na Europa, recebendo apreço pela comunidade e grande atenção do clero. Essa estratégia gerou o argumento presente na Tese 28 de Lutero, uma forte onda de críticas protestantes ao papado decorreu desse

2O protesto surge contra um sistema em um período de miséria e corrupção religiosa, a liberdade do intelecto como ferramenta principal na busca do divino começou a ganhar força e exercer papel importante na formulação do pensamento protestante europeu, a capacidade de criticar o sistema à luz de algo canônico é visto com primazia para o religioso do referido grupo em um período que demarcaria o fim da hegemonia religiosa papal, mas o uníssono teológico demoraria pouco, a fragmentação de pensamentos dominou a Europa ainda com Lutero vivo.

evento, afirmando o perdão da Igreja unicamente ao poder de Deus, e não ligado a méritos terrenos.³

2 – A justificação somente pela fé dizia respeito à situação humana com o pecado e a única solução era a fé em Deus. O argumento contra o sistema de perdão e justificação por boas obras foi alvo de críticas, provavelmente um motivo determinante para a contrarreforma, visto haver também um protesto dirigido diretamente ao poder da igreja e sua autoridade no perdão de pecados. A igreja protestante desse período criticava a forma dominante de pensamento em que o poder religioso era participante de um ato vindicativo que, de acordo a eles, pertencia unicamente a Deus. Isso geraria um abalo estrutural social com a formação de um pensamento onde os membros da comunidade protestante exerceriam liderança espiritual, mas considerando o processo de santificação como uma caminhada também individual.

3 – O sacerdócio universal dos crentes reconhecia na comunidade de fiéis a obra de cuidado da missão da igreja. Nessa parte, a crítica principal era mais uma vez a autoridade da Igreja Romana como sacerdócio exclusivo e seus padres como mediadores entre Deus e as pessoas. Também o caráter social está presente nessa teologia: o ser humano é parte de algo e tem os mesmos direitos, sendo visto da mesma forma por seu Deus. No sacerdócio universal todos os membros são vistos como uma única entidade espiritual, com funções e atributos, mas todos igualmente dignos de participar da missão.

As três bases teológicas que representam o protestantismo são consideradas desde um ponto de vista intrinsecamente presente: o fator social. O fator social permeia a questão do protesto, ou seja, muito mais que apenas uma divergência doutrinária, o protestantismo também é uma declaração de insatisfação, de descontentamento, com a forma que a questão social é levada. O protesto do primeiro princípio advoga que a autoridade humana não pode ser a versão final da forma de agir de qualquer instituição, a filosofia que considerava a Bíblia como autoridade final e acima de qualquer achismo ou tendência pessoal mais tarde transformaria a mesma linha de pensamento que agiria em prol da criação de constituições nacionais como, por exemplo, a primeira emenda da Constituição Americana.

3 Tese 28: Certo é que, ao tilintar a moeda na caixa, podem aumentar o lucro e a cobiça; a intercessão da Igreja, porém, depende apenas da vontade de Deus.

A segunda e terceira bases teológicas do protestantismo se referem a capacidade humana de buscar e participar do contexto social, um necessário chamamento a responsabilidade individual na formação do pensamento próprio e alheio em uma formação social em que todos são responsáveis por si e pelos demais. Essa noção de uma comunidade dotada de autonomia suficientemente responsável pela criação da Igreja levou movimentos a abandonar o velho continente e rumar para outras terras. No caso do presente estudo, serão abordadas as Américas. Como mencionado no início, a árvore do protestantismo encontrou diferentes categorias de solo, mas a semente plantada só encontra abrigo em um determinado ambiente, o da inconformidade com o estado atual das coisas.

O protestantismo na América do Norte

Mesmo com tanta proximidade, o crescimento dos protestantismos canadense e americano são bem diferentes, com cenários geopolíticos complexos de um interesse europeu em uma colônia estruturada nos panoramas religiosos propostos. Diferente da América Latina, necessariamente católica à época por conta dos impérios português e espanhol, o Edito de Nantes, ainda em 1598 estabelecia um paralelismo de direitos na França para Protestantes e Católicos, esses direitos se refletiriam em solo canadense já que o processo de evangelização e religião aconteceu de forma simultânea. Esse aparente equilíbrio seria roto quando o governo francês, temendo a prosperidade e independência características dos huguenotes, proibiu emigrações para a Nova França, onde o catolicismo tomou em grande parte a região. A situação do Canadá apenas teria uma alteração significativa após a Revolução Americana.

Os EUA vivenciaram sua imigração religiosa devido a crescente disputa entre igrejas protestantes e católicas e uma disputa que, segundo historiadores, apenas usava a religião para atender a ambições territoriais de monarquias. Essas guerras que sacudiam a Europa fomentaram a saída de cada vez mais pessoas que não concordavam com a obrigatoriedade e imposição de crenças. Os grupos que se assentaram nessa região formaram grupos protestantes que tornariam mais tarde os EUA o país com o maior número

da referida religião do mundo, das 13 colônias fundadas, doze eram protestantes, a única colônia católica era a de Maryland. As principais denominações a rumarem para os EUA eram anglicanos inconformados com as pressões e guerras no Velho Continente. Luteranos e Anabatistas também vieram pelo mesmo processo, mais tarde esse processo se tornaria cada vez mais ramificado com despertamentos religiosos que trariam ainda mais camadas ao protestantismo americano.

A Revolução Americana traria uma sobrevida ao protestantismo canadense com o Ato Constitucional de 1791: o parlamento britânico reformaria a província de Quebec para receber os mais de dez mil americanos que haviam permanecido fiéis à coroa. A divisão se tornou não somente linguística, mas também religiosa, sendo na época a parte inglesa protestante e a parte francesa majoritariamente católica, desde as crises iniciais entre protestantes e católicos.

As dinâmicas na América do Norte eram diferentes e, ao mesmo tempo interligadas, visto que uma exportação americana ideológica suscitaria um setor canadense fortemente ligado por laços religiosos e principalmente linguísticos, que resultariam em um protestantismo mais uniforme em relação à vizinha estadunidense. A estratificação religiosa dos EUA se tornaria cada vez maior, com a criação de congregações individuais de grupos recém-chegados da África carregados de uma cultura com propostas diferentes da Europeia, as *Black Churches* jogariam papel fundamental no surgimento posterior do pentecostalismo, que também tem papel fundamental na compreensão do panorama religioso contemporâneo. Essas diversificadas religiões que prosperaram sob o tradicional entendimento de liberdade exportaram esse ideal para além das fronteiras com projetos humanitários e evangelísticos, até hoje jogando papel fundamental em sua práxis.

O protestantismo na América do Sul

A realidade latina é distinta da norte-americana em muitos níveis, e a semente do protestantismo cresceu em uma região predominantemente católica em virtude da influência imperial sobre as colônias. Se no campo inglês o protestantismo florescia com relativa tranquilidade, no campo latino houve tímidas iniciativas protestantes no período

colonial, com as invasões francesas e holandesas nos séculos XVI e XVIII. Uma missão francesa enviada por João Calvino foi estabelecida em 1557 na Baía de Guanabara e um culto, possivelmente o primeiro do Novo Mundo, foi realizado em 10 de março daquele ano, a colônia de huguenotes foi posteriormente destruída pelos portugueses, além disso, nenhuma representação significativa foi observada até 1819 com a chegada de luteranos e mais tarde com a forte imigração alemã.

O início simples não reflete a realidade atual. A América Latina tem sido cada vez mais receptiva ao protestantismo, o processo de crescimento apontado pelo *Pew Research Center* aponta que no ano de 2014, dos oitenta e quatro por cento nascidos católicos havia uma queda para sessenta e nove por cento, e dos nove por cento criados em uma educação protestante, agora haviam obtido um crescimento para dezenove por cento (PEW RESEARCH CENTER, 2014, p.1). Em regiões como a Argentina o padrão é relativamente o mesmo, sendo pentecostais mais representativos nas classes baixas e evangélicos mais presentes na classe média.

A explosão recente e a aparente demora para o enraizamento do protestantismo, sobretudo o luteranismo no Brasil, se deve a um isolamento comunitário que vem perdendo força com o advento da internet e a integralização dos jovens com outros entornos. Uma pesquisa em 1960 em comunidades rurais de Santa Catarina concluía que “a Comunidade Evangélica, sempre reunindo um grupo de origem alemã, constitui um dos fatores que mais se opõem à assimilação dos seus elementos à sociedade brasileira” (ALBERSHEIM, 1962, p. 135). Esse isolamento é observado por Gertz, que acredita que a sobrevivência do protestantismo em um período em que, mesmo com relativa liberdade religiosa, não era completa, visto que os protestantes não abandonaram massivamente as fileiras de sua própria religião, o que pode indicar uma relação de identidade e não somente religiosa.

Ainda no aspecto histórico, observamos nos protestantes que emigraram da Europa para a América Latina um padrão consolidado de isolamento, um desejo de libertação que foi mais além que o desejo dos protestantes do hemisfério norte, se este desejava liberdade para exercer uma religião livre do aparato estatal, aquele ansiava liberdade social, política e, também, religiosa. Havia um desconforto com relação a organizações que ampliassem a organização além da comunidade, um exemplo são os primeiros sínodos entre os séculos

XIX e XX que constavam com apenas pastores dado o desinteresse da irmandade nesse encontro.

Até em sua formação teológica os pastores estavam submetidos ao crivo da comunidade e se subordinavam a ela, as igrejas locais entendiam a necessidade de um corpo ministerial no regimento de suas atividades, mas rechaçavam a noção de interligação promovidas por instâncias eclesiais superiores. Eliseu Teichmann se refere a um episódio que aconteceu em 1899 no Rio Grande do Sul onde expressamente se dizia: “nós não queremos ser comandados nem receber lições (de pastores). Não é por isso que viemos para o Brasil! Isso se pode ter na Alemanha! Aqui é o país da liberdade! Ninguém precisa dar ouvidos (a um pastor)” (TEICHMANN, 1996, p. 62)!

Existe a compreensão que as comunidades rurais carentes que haviam saído da Europa pelas baixas expectativas de oportunidades de emprego e ausência de terras próprias foi um fator importante para a emigração, mas até a disputa e perseguição religiosa eram memórias amargas no imaginário alemão. Não é de se estranhar que, mesmo mantendo a religião professada outrora, esses grupos não desejavam mais contato com as instituições que eles julgavam responsáveis pela dor de abandonar o país natal. As comunidades protestantes nessas regiões praticavam religião e festas típicas, mas nenhum interesse expansivo, considerado um “protestantismo cultural” (BACHMANN, 1959, p. 23).

Em um primeiro momento o protestantismo não encontrou raízes na América latina por questões territoriais pertinentes à época, tampouco em um segundo momento com os primeiros movimentos imigratórios alemães, mas somente no início do século XX a questão do protestantismo latino começou a ser reavaliado, e a principal dificuldade encontrada segundo o *Congresso sobre obra Cristiana em Sud-América*, realizada em Montevidéu em 1925, que era um reflexo do congresso do Panamá em 1916. Um dos principais temas abordado era referente a educação como fator unificador do cristianismo, além de um reconhecimento sobre os erros passados no processo de implementação protestante por uma metodologia que não atendia as diferenças culturais expressas de forma assimétrica da europeia.

“O Congresso do Panamá fez notar com razão em seus informes, que na medida em que avançava na América Latina a educação, muitos abandonavam a fé católica

[...] não obstante, não primeiramente por uma dificuldade intelectual, mais sim pelo seu desejo de desvencilhar-se da dominação eclesiástica” (KESSLER, 1916, p. 24). O desafio era claro, visto que a educação protestante até então não atribuía benefícios ao trabalhador na comunidade, o maior interesse latino, mesmo que coberto de incertezas, com certeza não era filosofia e religião que destoavam da cultura local, gerando desinteresse por esse serviço oferecido pelas missões.

Finalmente a estratégia que consolidou o pensamento protestante referente a identidade latino-americana foi a preocupação social. A preocupação social no século XX era crescente em toda América do Sul, e a semente do protestantismo oferecia exatamente isso, o congresso conhecia com quem estava trabalhando, o povo latino tinha em seu cerne a preocupação com o social e ao coletivo: “dar nova vida ao indivíduo e as coletividades na América hispânica [...] é a pedra de toque, essa é a prova à qual devemos submeter nossas teorias e atos” (CCLA, 1925, p.13), o Congresso ainda afirmou que: “Hoje, ao falar da vida humana, falamos de palpações mundiais, falamos de mentes e corações também mundiais ou internacionais. A vida que devemos aportar deve transcender os limites de seita, nacionalidade, raça, continente; deve ter por objetivo final a paternidade divina, a fraternidade universal” (CCLA, 1925, p.13).

Talvez o que os congressos não tenham percebido à época é o fator que torna o protestantismo não um movimento essencial à comunidade latina, mas que fator ou fatores seriam esses? É dizer se em determinados momentos a semente não aderiu a terra, o que mudaria para que agora isso acontecesse? Essas são perguntas que o próprio protestantismo já havia respondido séculos antes e necessitam novamente de uma abordagem para compreendermos que por mais que sejam sementes iguais, o protestantismo latino é uma árvore diferente da árvore norte americana e europeia.

Projeções para o protestantismo e causas da expansão

Já foi abordado o crescimento contemporâneo, mas qual é a razão? Se olharmos para o cenário de secularização é de se estranhar o crescimento do protestantismo, mas quando olhamos outros horizontes, o cenário fica mais inteligível. A noção social permeou

a cultura latina desde muito cedo, o sentimento de opressão regimentado desde o imperialismo ainda é latente nessa cultura. Não é de se estranhar que os heróis locais geralmente sejam revolucionários e não filósofos. Mesmo com escassez de estudos sérios, não podemos deixar de formular hipóteses para esse movimento recente.

Com o avançar do século XX, os movimentos sociais tiveram seu lugar de destaque na América Latina, no ambiente acadêmico, tradicionalmente uma área em que o protestantismo goza de prestígio mundial, começa a receber influências em áreas de ensino superior, inclusive de teologia. A aproximação não confessional atraiu diversidade de pensamento para a filosofia protestante, e posteriormente também recebe a teologia da libertação, onde boa parte do pensamento protestante encontrou solo fértil.

Considerando o protestantismo como um protesto contra a miséria, o movimento ecumênico encontra na América do Sul as bases de uma força para a expansão nesse território, consoante ainda com ideais marxistas adaptados para uma realidade mais local, o crescimento protestante se dá em um entorno favorável a questão social, mas não dependente da teologia da libertação. A identidade própria é marca de um protestantismo favorável a necessidade alheia e, ao mesmo tempo, buscando atender aos anseios da esfera espiritual. A necessidade de uma identidade própria sobrevive inclusive a decadência contemporânea da teologia da libertação e concede ao protestantismo participação ativa na questão social sobre as mazelas, sendo uma voz no campo social e, de forma cada vez mais forte, na política.

Considerando o exposto, é compreensível a formação de uma identidade protestante latina voltada para as fraternidade e moderação. A questão social não apenas confere sua resolução a uma linha de pensamento, logo, não é de esperar que encontremos isso no próprio protestantismo. Não somente a questão social joga sua parte no novo protestantismo, mas também a educação insere um lugar de fala estimado e aberto a críticas, assim como uma representatividade considerável em políticas por todos os países, de forma resumida, o protestantismo latino definitivamente é uma árvore própria após séculos de enxertos, mas ao mesmo tempo, mantém a semente a mesma, o vínculo ao protesto.

O esforço pelo ecumenismo tem sido responsável indiretamente pela manutenção do protestantismo na América Latina. Na atual dinâmica, filosofias além das exploradas pelo cristianismo têm encontrado, mesmo que ainda reduzido, terreno para frutificar. Uma “rede” protestante fomenta o processo de organização e avanço, assim como a relevância da obra missionária, sempre abordada em concílios e congressos, o que mantém o foco social sempre operacional. No entanto, existem barreiras a esse processo, geralmente no campo doutrinário e teológico. Visando a unidade, o processo ecumênico latino busca uma maior influência justamente onde essa região mais necessita de resultados, em uma *práxis* pastoral e eclesial voltada a resultados pelo esforço conjunto pela justiça e igualdade. Desde um ponto de vista popular, esse cenário para o protestantismo poderia render uma perspectiva fragmentada. Mas considerando o exposto no presente artigo, podemos trazer um termo mais condizente para o protestantismo: plural. Na América Latina protestantismo pode oferecer caminhos para o diálogo ecumênico por meio de uma ação missionária que busque sarar as mazelas sociais. Uma prática social centrada em regeneração e apoios mútuos, uma educação libertadora, que reflita a necessidade do indivíduo em avançar profissional e pessoalmente, uma postural pastoral centrada em ação e diálogo ao invés do modelo confessional já rejeitado por muitas denominações, sem peiorar grupos que reflitam populações com pensamentos diferentes. A rápida e necessária mudança de paradigma no mundo não exime a América Latina desse processo, em que o protestantismo encontra no caminho do diálogo sua identidade mais essencial: o protesto contra a exploração ao direito e a liberdade individual.

Referências

ALBERSHEIM, Úrsula. Uma Comunidade teuto-brasileira. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Brasília: CBPE, 1962.

BACHMANN, E. Theodore. Lutheranism in Brazil: A Short Historical Account. California: Berkeley, 1959.

CCLA. El Congreso sobre obra cristiana en Sud América. Montevideú: CCLA, 1925.

GERTZ, R. E. OS LUTERANOS NO BRASIL. *Revista de História Regional*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2129>. Acesso em: 13 dez. 2022.

KESSLER, J; NELSON, W. M. Panama 1916 y su impacto sobre el protestantismo Latinoamericano. In: CLAI. (ed.) *Oaxtepec 1978: Unidad y Misión en América Latina*. San José: CLAI, 1980. p. 11-30.

PEW Research Center. *Religion in Latin America*. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2014/11/13/religion-in-latin-america/#fnref-21575-1> Acesso em: 24 jun. 2021.

PEW Research Center. In U.S., *Decline of Christianity Continues at Rapid Pace*: an update on America's changing religious landscape. *PEW Research Center*, 2019. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2019/10/17/in-u-s-decline-of-christianity-continues-at-rapid-pace/> acesso em: 12 jun. 2021.

TEICHMANN, Eliseu. Imigração e igreja: as comunidade-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul. 1996, Dissertação (mestrado em Teologia), Instituto Ecumênico de Pós-graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996.

Recebido em: 14/01/2022

Aprovado em: 21/11/2022